



O Gaiato

31 DE DEZEMBRO DE 1966
ANO XXIII — N.º 595 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * FAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALÉS DO CORREIO PARA FAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

ANIVERSÁRIO

A «Obra da Rua» faz 27 anos.

Eu gosto muito de ir seguindo os anos dela pelos Salmos. Não sei se Deus a destina a durar 150 anos (tantos são eles!), se mais, se menos... Não importa! Ela existe para O glorificar e servir na Salvação dos homens nossos irmãos. Os anos que ela viva, sejam tempo de Salvação por meio dela. Assim, o seu louvor de mãe o identifico com o louvor de Deus. E, como para louvar, ainda se não encontraram fórmulas mais belas do que os salmos, por isso tanto gosto de a louvar por eles.

O salmo 27 é de súplica e de acção de graças. Pois muito bem condiz com a nossa posição aos 27 anos.

Olhamos para trás; olhamo-nos — e quem pode resistir à acção de graças por tudo que foi feito, apesar da nossa insignificância, quando não estorvo?!

Olhamos para o futuro; olhamo-nos — e que temos de mais válido para fazer do que implorar a permanência da aliança do Senhor connosco?!

Nunca o ter andado sobre as águas repetidas vezes evitará o estremecimento da nossa humanidade cada vez em que se andar de novo. Portanto, acção de graças e súplica são as coordenadas da nossa alma, particularmente neste dia festivo.



A LEGENDA SERIA: «QUEM NÃO TRABUCA NÃO MANDUCA». ISSO AFIRMAM QUATRO DOS NOSSOS CAMPONESES, TRABALHANDO NO QUE É SEU.

AVISO AOS INCAUTOS

Já não é a primeira vez! A coisa vem sucedendo de muitas e variadas formas. Agora, porém, avisados por uma Assinante de Espinho e outro de Rio Tinto e outro de Gondomar, resolvemos trazer de novo, para as colunas do «Famoso», mais um esclarecimento para que os nossos Amigos abram os olhos e sejam mui prudentes.

Demos a palavra a Rio Tinto:

«Hoje, pelas 14 horas, bateram à minha porta 2 rapazes dos 17 a 18 anos, aproximadamente, com uma braçadeira verde no braço, munidos de uma pasta e um deles com um livro grande, com muitas folhas, aonde iam indicando os nomes das pessoas que contribuíram. Eles andavam a pedir para a Casa do Gaiato... Verifiquei que era falcatrú... Eu não lhes dei, mas cá na freguesia deviam ter arranjado bastante».

A Senhora de Espinho, em carta extensa, relatou tudo em pormenor, lamentando

Cont. na página QUATRO

«Bendito seja o Senhor, porque escuta a voz da minha prece, o Senhor, minha força e meu escudo! O meu coração confiou n'Ele, e recebi ajuda; a minha carne reffloriu; de todo o coração eu Lhe dou graças».

Quantas vezes Pai Américo não terá cantado assim...! Quantas não confessou ele, diante dos homens, a sua única e indefectível confiança no Senhor! Por isso cremos que Ele o há-de confessar diante do Pai Celeste por toda a Eternidade! É promessa de Jesus: «Aquele que Me confessar, confessá-lo-ei...»

Mas o salmista, depois de falar por si, afirma a sua experiência a respeito do Povo que tem sentimentos semelhantes aos seus.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Filhos ilegítimos?

Vimos no número anterior a premissa que o próprio legislador admite: «Que é intensa, do ponto de vista moral e social, a diferença que separa a filiação ilegítima da legítima». E prova-a pelos dados estatísticos a respeito de muitos males de que os ilegítimos são vítimas, males que contaminam a sociedade a que pertencem.

E quando pensávamos que ele iria concluir daí a necessidade de uma lei firme, que prevenisse as causas desses males e remediasse aqueles que passassem as malhas da prevenção, deparamos com o legislador defendendo a lei das acusações de toda a culpa destes males: «E não se pretenda que essa lição dos factos (a intensa diferença que separa a filiação ilegítima da legítima) se explica apenas por o regime legal, fruto da distinção acima enunciada, favorecer o abandono desses filhos e a irresponsabilidade dos pais. Alguma verdade poderia haver em tal asserção, e ela não deixou de pesar muito, por isso mesmo, no anteprojeto que se segue. Mas não se atribua excessivo valor àquela hipótese...»

Ora aparece-nos aqui um equívoco grave. Realmente não cabe ao regime legal a culpa

originária de tais males. Mas a sua fraqueza «explica», não «apenas», mas também, o «favorecimento», a proliferação destes males. Com efeito, já S. Paulo afirmou da LEI que Ela era «propter peccatum». Se a consciência de todos os homens fôsse normal, isto é, fiel à Lei Natural, muitas normas, «que se dirigem à consciência humana», seriam escusadas, porque o caminhar dos homens era recto, não havia que endireitá-lo. Porque assim não é, de facto, surge a necessidade da intervenção do Direito, a corrigir os desvios, a aplanar as sinuosidades, a compensar os atropelos dos actos dos homens.

Portanto a lei é essencialmente um remédio, desnecessário se os homens fôsem simples e a sua vida linear, como «no princípio». Se assim fôsse, bastariam apenas as leis convencionais, porque tudo o que tem fundamento na Natureza se encontraria estatuído indelévelmente na consciência de cada homem.

Não há, pois, dúvida de que não é «apenas» o regime legal que favorece o abandono desses filhos (os ilegítimos) e a irresponsabilidade dos pais». Não é apenas, mas é também — já o

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

MALANJE

O Quím todo animado: «Adivinhe quanto me deram pelo «Gaiato»? «E a mim?» — diz o Zé. E não adivinhei. É o amor que ele transporta, que seduz e valoriza ao infinito o pobre papelinho. Isto foi no Negage, radiosa e próspera vila, onde, no domingo passado, apresentei a nossa Obra.

Disse das crianças abandonadas, das nossas obrigações cristãs, dos filhos que os pais deixam ficar! (e não há a «tal coisa» que agarre os pais pela gola do casaco e os traga à presença delas para lhes darem o que devem — criar e educar). Só gerar é crime. Deus mandou as três coisas.

No fim duma das nussas, uma vicentina: «Olhe, ainda bem que veio, temos duas crianças que os pais deixaram pra'ís. Cá está».

Obrigado Negage. No Junho voltaremos e traremos connosco os dois que andam pra'í.

O Faniqueira, «António Augusto, se faz favor» — me diz ele sempre que eu me engano. Pois o A. Augusto quer a todo o custo que lhe arranje uma concertina... Não me larga!

— Espera um pouco.
— Vá ao consulado alemão.
— Mas quem te disse a ti que lá...

— Eu sei.
Pronto. Na minha próxima ida a Luanda, lá estou eu a deixar o Sr. Consul atrapalhado ao pedir-lhe a fanfarra. Ele vai pensar que me falta um parafuso!

Continua na QUARTA página

Cantinho DOS RAPAZES

Eu gosto muito de ler Pai Américo na «Voz dos Novos». Gosto, porque é justo que ele apareça no jornal dos seus filhos. E torno a gostar pela revelação de critério que é a escolha que eles fazem dos seus textos.

Ora no n.º 100 da «Voz...» conta-se um episódio tão simples quanto instrutivo, de que foram personagens Alfredo e «Mondim». Aquele litógrafo em Lisboa; este mecânico da aviação na África do Sul. A cena deve ter os seus vinte anos, a passar... Mas a «lição de coisas» não perdeu nada da sua valia. E se ela não impediu que Alfredo ficasse sempre um pouco «senhor do seu nariz», decerto lhe há-de ter feito algum bem e melhor fez ainda ao castigador «Mondim» que, nesse acto construtivo de justiça, afinou a ténpera de um carácter delicado e manso, que é o seu.

Porém, o ponto central desta «lição» é, na perspectiva destas linhas, o «obra deles, por eles...» que esta correcção fraterna põe em relevo.

Não sei se sou eu que sinto, se é realidade, que este assumir da responsabilidade pelo aperfeiçoamento dos outros anda em crise entre nós. E no entanto não haverá outro modo de fazer um homem de maneiras e de consciência do farrapãozinho que aí vem dar, sem que outros ex-farrapões, sintam que assim como a eles, também eles têm de fazer aos das gerações seguintes, para que se cresça em perfeição humana e sobrenatural, que é o nosso fim.

Dar pão?... Dar ofício?... Sem dúvida que já seria um

bem considerável! Mas não é esse o nosso objectivo. Pão e ofício são ferramenta concreta com que se faz o homem, mas não a única. Há que conhecer cada um. Há que podá-los dos ramos mal nascidos. Há que enxertá-los das virtudes que lhes faltam. Por isso mesmo é que Pai Américo dividiu a grande Família de cada casa em Famílias mais pequenas, onde o irmão mais velho deve ser um pai — um pai que olha, que procura, que se interessa, que constroi. Mas isto não se pode fazer sem amor. Pois a exigência de amor é, justamente, o que vai edificando este irmão-pai, o que o estimula a debruçar-se sobre os que lhe estão confiados e o leva a debruçar-se sobre si próprio, para se podar e se enxertar, sem o que não pode nem tem direito de o fazer aos outros.

Nós, padres, não podemos, nem deveríamos substituir o chefe na sua missão de educador. O nosso papel é dar o tom, estabelecer critérios, formar os que mais directamente hão-de transformar os outros. Que mais pode fazer um padre, alguns com o encargo de duas comunidades e enredados por tantas solicitações, das espirituais às mais materiais?!

A escolha desta presença de Pai Américo neste centésimo número de «A Voz dos Novos» aparece-me pois muito oportuna, como chamamento à mais essencial realidade da nossa organização que, embora qualificativamente «desorganizada», não podemos esquecer que é substantivamente ORGANIZAÇÃO.

Andamos presentemente na faina da poda de vides e fruteiras. É trabalho compensador. As árvores tomam o formato desejado e deste modo ficam mais aptas a dar fruto e a suportar-lhe o peso. Algumas, porém, raras, são ainda do tempo dos condes, antigos senhores desta quinta da Torre. Estão mesmo envelhecidas. Cresceram em liberdade total e hoje pendem para todos os lados com risco frequente de se partirem. Não raro o vento lhes ceifa os ramos mais tortos. Faltou-lhes a poda dos primeiros anos. Agora é tarde.

A natureza humana está sujeita a idênticas consequências, se na juventude não há correcção da fogosidade e intemperança, próprias daquela idade. Demais o homem está tão propenso ao mal, que se a correcção não se der em tempo devido, pode vir a sê-lo tarde demais, improficua portanto.

Temos constatado isto mesmo no contacto com os adultos aqui recolhidos. Trazem a doença sobre eles, mas também a vida com todos os hábitos que ela somou. Pretendemos podar os maus, mas estes adquiriram cama e já não é possível extirpá-los. Temos homens vítimas de si próprios.

A senhora Cândida é uma delas. Fui encontrá-la em pública cabine de banho numa ilha do Porto. Pernoitava naquele compartimento frio de um metro quadrado, porque



ninguém suportava o mau cheiro do cancro que a consumia. Quis vir para o Calvário. Mas em breve tornou para a cidade. E eu em demanda dela. Desta vez dei com a pobre em outra ilha, em retrete comum e ouvi um a gente quer ir à retrete nem pode que ela está lá sempre metida. Por não ter onde ficar arranjou aquele coito. Trouxe-a de novo, mas regressou no dia seguinte à cidade. Hoje está no Aljube. E todo este vai-vém porquê? O álcool é iman que galvaniza.

Senhora Margarida também morava no Porto, no Barredo. Vinha sob delírio alcoólico. Não andava, nem tinha consciência de si mesma. Os ares e

o convívio são reabilitaram-na bem depressa, e de tal modo, que se tornou auxiliar preciosa para as outras enfermas, levando uma vida absolutamente normal, sem sintoma algum de paralisia — razão forte que a fez entrar aqui. Mas o vício do álcool estava latente. E a seu tempo aflorou e encontrou terreno propício. E quem a segura? Não atende a conselhos. Toma o caminho do Porto, onde sabe que é fácil alimentar o vício.

Ela é hoje, de novo, um farrapo humano que vive no largo da Ribeira, rente ao Douro.

Organizam-se tantas semanas para resolver problemas bem téreos. E porque não uma debruçada sobre o alcoolismo e seus malefícios?... Para a venda do dito, sei que até congressos somos capazes de realizar, com grande pompa. Não seria, pois, demasiada uma semana para conhecermos e evitarmos, tanto quanto possível, as consequências daquela venda. Era uma ajuda, que não a solução.

A solução do mal não está na mão do homem. É mesmo utopia quereremos tirar o mal do mundo. Ele é salário do pecado. E este minou toda a natureza humana. Só a de Cristo e de Sua Mãe o não foi. Por isso, só Ele é a solução para todo o mal do nosso mundo. Mas se dermos a mão uns aos outros não nos afundamos tanto.

Padre Baptista

RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO

Não foi preciso a gente lembrar! O Senhor encarregou-se de despertar, no coração de muitos leitores, uma forma simpática de fazer conhecer os livros de Pai Américo nesta santa quadra do Natal. Botem

os olhos para esta carta de Lisboa:

«Como resolvi oferecer presentes de Natal com livros de Pai Américo, peço me sejam enviados 4 à vossa escolha, para os quais envio um vale de 200\$00».

O que aí vai diz muito — e com que oportunidade! E delicadeza!

Outros e outras fizeram o mesmo. Discretamente, silenciosamente. Lembro uma Senhora do Caramulo que pedia dois livros até ao dia 20. É o Natal!... E as obras de Pai Américo são das imagens mais ricas da Mensagem natalícia

Recomendou-me Zé Adolfo que não botasse muita faladura: «olha que temos muito material!...» Material quer dizer artigos pró jornal. Não resisto, porém, a transcrever ainda mais uma oportuníssima carta do Porto:

«Acuso ter recebido os 3 volumes do «Pão dos Pobres» e 1 volume do «Obra da Rua». Muito e muito obrigada. Peço que me mandeis igual remessa que é para oferecer a meu filho, e para as minhas netinhas lerem quando chegarem ao uso da razão. É para oferecer pelo Natal; por isso, logo que vos seja possível mandai. Deus queira que ainda haja alguns. Desculpai o não ter acusado a recepção dos livros há mais tempo, mas como já vos disse,

da NOSSA EDITORIAL

— e muitos já dão fé! — que o Natal não é só uma vez por ano, mas todos os dias... Felizes os que assim compreendem e aceitam.

O correio da Editorial ainda não mingou, graças a Deus! Tem sido um fio grosso de água corrente. Seguem livros todos os dias, na mala do correio. Isto não é, simplesmente, um repisar de afirmações. Mas um grito de satisfação, pelo vosso interesse. Só isso.

tenho o grande defeito de guardar para amanhã o que se pode fazer no próprio dia. Pedi ao Senhor que me cure deste defeito e doutros que tenho».

Que lição de humildade e verdade!

E pronto. Vamos calar o bico. Senão Zé Adolfo não dá guarida no «Famoso» — por excesso de material.

Júlio Mendes

Continuação da primeira página

dissemos — e o próprio legislador confirma: «Alguma verdade poderia haver em tal asserção, e ela não deixou de pesar, por isso mesmo, no anteprojecto que se segue». Ora, «se não deixou de pesar», é porque: não somente «poderia haver alguma verdade em tal asserção», mas há mesmo. Sendo assim, e dada a característica de remédio, essencial à lei, não podemos aceitar como base de trabalho que se minimize esta verdade, com o «não se atribua excessivo valor àquela hipótese...» Pelo contrário, nunca será demasiado o valor que se lhe atribuir. Pois não estão em causa valores importantes como «a mortalidade infantil de ilegítimos, a mortalidade infantil destes, a mortalidade das mães ilegíti-

Filhos ilegítimos?

mas, a delinquência infantil, etc.», expressas em «impressionantes números»?! E se a lei pode, e deve ser um remédio para estancar a torrente destes males e a ir diminuindo (e, sem dúvida, na ordem prática, é um dos principais remédios!) — poderá minimizar-se o seu papel como parece entender-se do «não se atribua excessivo valor àquela hipótese...»?

É evidente que o problema da ilegitimidade dos pais é, fundamentalmente, um problema de consciência, da falta de consciência que abunda por aí em muita gente, uns por má-consciência, outros por in-consciência.

Ora, não diz o legislador — mais uma vez o repetimos — que «a norma se dirige à consciência humana»?

Se assim é — e é! — embora à lei não compita, formal e directamente, a formação das consciências, compete-lhe, com certeza, a imposição de limitações àquelas que não querem, ou não sabem impô-las a si mesmas.

Ninguém pensa que a lei pode resolver todos os problemas, evitar todos os males. Não se pensa, nem se lhe pede tal. O que se espera, sim, é que ela previna males maiores enquanto fôr possível, para que não seja tamanha a extensão e a profundidade destes males a ponto de permitir que se gere na inteligência dos responsáveis a convicção de que eles são irremediáveis e se produza na sua vontade a deserção da luta por remediá-los.



Estamos no mês do Natal, no mês em que se comemora o nascimento de Jesus Menino, que Deus mandou no mundo, para salvação do género humano. Neste dia as almas irmanam-se mais facilmente em sentimentos de fraternidade cristã. Esquecem-se os ódios, os ressentimentos, para dar lugar à paz e ao amor. Amor este que não deve ficar só entre os familiares e amigos, mas estendê-lo aos Pobres, nos necessitados. Só assim o Natal será bem a festa da Caridade. Mas a Caridade não deve exercer-se só nesta quadra do ano, mas sim ao longo dos 365 dias que ele tem. «Pobres, sempre os tereis», disse um dia Jesus aos Apóstolos, e tudo o que fizerdes ao mais pequenino é a Mim que o fazeis: e «um copo



de água dado em Meu nome, não fica sem recompensa». É esta recompensa que o Senhor dá, que eu desejo a todos os que durante o ano nos ajudaram com as suas encomendas, e nos consolaram com suas palavras amigas.

Encomendas avia-
das: Porto, 12 cha-
les; Castelo Branco,
3 dos pequenos; Al-
cobaca, 2 camisolas
e 1 chale; Lisboa,
22 cachecoís para
oferecer a tantos ra-
pazinhos pobres que
vivem em terras mui-
to frias. Outra vez

Castelo Branco, com
mais 4 chales; Lis-
boa, 7 chales; Lis-
boa, 6 camisolas;
Mocidade Feminina
de Lisboa, a enco-
menda do costume,
14 chales pequenos.
Lisboa, mais 2 cha-
les em triângulo, dos
que as senhoras usam
agora. Dantes era só
artigo para Pobres,
agora é também para
as senhoras, (porque
é moda). Por isso
quem os deseja, é
só pedir. Há-os em
todas as cores e em
três tamanhos. Car-
viçais, 3 chales; Vila
Moreira, 2 chales e
duas camisolas; Ilha-
vo, várias peças de
roupa; Porto, 4 en-
comendas grandes de
chales para uma loja.
Aveiras de Cima, um
chale e 4 pegas. Re-
cebi para o Natal
das tecedeiras 50\$.
Até ao próximo
número, se Deus qui-
ser.

M. A.

UM TESTEMUNHO

Num dos últimos números de «O Gaiato», Padre Carlos queixou-se por os Padres terem entrado no «defeso» e não escreverem para o jornal. Senti a justiça da queixa mais que qualquer outro padre da Obra. É que apesar de ter mergulhado já profundamente na vida de «Pai de Famílias» que sou por natureza do Sacerdócio e da minha entrega total à Obra da Rua, ainda não tive uma palavra para os nossos queridos Amigos e leitores. A razão fundamental do meu silêncio tem sido acanhamento.

Creio que para qualquer principiante, seja em que arte for, os primeiros passos são sempre de nervosismo e timidez. Para mais não me dotou Deus com o dom de escrever — apesar de me ter beneficia-

do com muitos outros, — ou não o tenho sabido aproveitar. Porém, hoje recebo recado do Padre Carlos: «No próximo número, o de aniversário, QUERO um artigo seu».

Se cá por dentro me remoía todo por sentir a queixa de Padre Carlos e me parecia estar a ser pouco correcto para com os Amigos, nem assim conseguia vencer a dificuldade. O ultimatum de Padre Carlos forçou-me — e muito bem — a quebrar barreiras, levando-me a escrever, sem perguntar pelo jeito.

Parece-me não ser descabido, num número de aniversário da Obra, dar um pequeno testemunho do que o jornal foi para mim, como meio querido pela Providência Divina, para me TOCAR e acordar para as minhas responsabilidades de homem e cristão. Lembro-me bem e sinto-o ainda, quanto este «Revolucionário» de almas me preparou para a conversão que, por graça e misericórdia de Deus me havia de trazer ao Sacerdócio.

Foi no «Famoso» que comeci a compreender (pois já o sabia, embora não sentisse) que a palavra AMOR não era um simples sentir dentro do

peito o coração a palpitar por alguém, mas sim o dar, incondicionalmente, esse coração a ALGUÉM e, com ele, dar-lhe a vida. Aos poucos o «Famoso» me foi revelando esse ALGUÉM como sendo Aquele que é, Aquele que Se deu todo, por amor, no Seu Verbo, Aquele que ficou no meio de nós para nos ajudar nesta caminhada para a plenitude do Amor.

No «Famoso» aprendi, assim, que o Evangelho era uma vivência dinâmica e não passiva, como estava habituado a sentir no meu cristianismo medíocre e egoísta; que amar era sentir o coração abraçar-se em Caridade para com o próximo e, até, para com os nossos inimigos; que ser cristão era enchermo-nos desse Amor de Deus e comunicá-Lo em verdade, alegria, paz e felicidade aos outros. Devo a este «Revolucionário» a inquietação que lançou na minha alma e me havia de levar a ser um apaixonado do Evangelho. Paixão que me trouxe aonde estou e me levará aonde o Espírito de Deus me quiser levar. Por amor perdi a vida, por amor ganhei a Vida.

Padre Abraão

Correspondência familiar

Mais uma vez do nosso Brasil estou a escrever para essa imensa e querida Obra.

Obra essa que tanto admiro e falo dela com todo o carinho e dedicação.

Sinto-me como se fôsse dessa gigantesca Obra, quando de longe ponho-me a pensar o que de belo existe aí.

Quando alguém me fala do Padre Américo e sobre sua Obra eu imediatamente respondo e falo com êxtase e emoção, como se ele lá do Céu estivesse junto de

mim. Quantas vezes ao falar dessa santa alma brotam-me lágrimas e com emoção enalteço e elevo o nome desse bondoso padre e também o que de belo existe aí.

Fomos ver outra Casa do Gaiato em Miranda do Corvo. Como é bela e enorme! Pena foi de não termos encontrado o Sr. Padre Horácio que também com o mesmo amor se dedica a esses pequeninos seres, onde existe amor e ternura.

Somos padrinhos de dois netos

dessa Obra, orgulho-me de o ser e a minha alegria é de continuar a ser e poder cada vez mais expandir o meu contentamento em ser indirectamente dessa Obra.

Bonito mesmo é o lema daí donde se vê, sempre terá mais um caldo para quem necessitar e um agasalho para os que têm frio, isso foi o que eu mesma vi.

Tudo fazem pelos necessitados que não sabem onde morar. Quando podem, mandam construir uma casa pequenina para viverem mais decentemente e terem um tecto para se agasalharem.

Os doentes vão para o Calvário, uma Obra que muito admirei, além de ser bela é de uma limpeza extraordinária. É lá que o Sr. Padre Baptista cuida dos doentes onde com o mesmo afecto cuida da alma desses sofredores, mas com esses doentes o Sr. Padre Baptista os eleva cada vez mais a Deus para que um dia lá do céu num cântico sublime junto do nosso bondoso «Pai Américo» derramem bênçãos de graças a essas pessoas que tanto sofrem.

Fomos todos da minha família visitar Paço de Sousa e ficámos extasiados pelo que fazem todos os que à Obra pertencem.

Conhecemos mais um Padre que tinha um dia antes se consagrado a Deus e ao mesmo sacrificio de fazer o bem ao próximo e que será eternamente Padre da Rua. Que Deus com Sua infinita Bondade derrame bênçãos de graças para que possa cada vez mais expandir o bem e se dedicar à caridade cristã.

Por hoje, daqui do Brasil envio a todos um saudoso abraço desejando muitas e muitas felicidades.

Saudade

Aniversário

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

«O Senhor é força para o Seu Povo, e princípio da salvação para o Seu Escolhido. Salva o Teu povo, abençoa a tua herança, apascenta-os, leva-os à Eternidade».

O cântico que Pai Américo terá cantado muitas vezes é o nosso cântico — o cantar deste pequenino povo de Deus que ele gerou e para o qual pediu e está pedindo sem cessar a bênção do Senhor, o Seu pastoreio, a Sua condução à Eternidade. Porque nós acreditamos que a nossa fortaleza é o Senhor; que só Ele é o princípio da nossa salvação.

E a nós, que mais de perto e em grau maior herdámos o ministério do pastoreio, da condução da pequenina grei após Jesus, até ao Pai Celeste, onde encontraremos também o Pai Américo que Ele nos deu na Terra — a nós cumpre mais intensamente rezar:

«Por ti eu chamo Senhor, meu Rochedo, não Te faças surdo para mim: que eu não seja perante o Teu silêncio, como os que descem à cova! Escuta a voz da minha oração quando te rezo, quando levanto as mãos para o Teu Santuário.

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

As vezes temos a impressão que não seriam precisas ao homem muitas qualidades para que se resolvessem, em grande parte, as situações aflitivas dos nossos irmãos. Dá-nos vontade de afirmar que o amor ao trabalho e o pensar nos outros seriam a mola real do movimento. Escusado é dizer que isto supõe a força dum Mandamento, pois, se dum lado tudo ficava sem sentido, do outro, chegava depressa o cansaço, o desânimo, ou a tentação de tudo abandonar.

É aqui que vamos encontrar a resposta para dar àqueles que muitas vezes nos perguntam como é possível a vida do nosso Lar.

Está um ano quase passado e chegámos a Lamego desprovidos de tudo. Em certo aspecto podemos dizer que não conhecíamos ninguém e tão pouco éramos conhecidos. De modo algum queremos chamar aventura à criação do Lar,

mas confessamos que não tivemos coragem de medir e pesar tudo aquilo que a Obra viria a exigir. As semanas sucederam-se umas às outras e com elas o aparecimento e resolução das dificuldades. Outro ano vai começar e o lema será o mesmo: não aborrecermos o trabalho e não esquecermos que os outros precisam da nossa ajuda. O mais ficará à conta do Senhor e à generosidade que ainda existe no coração dos homens.

Assim vivemos estes trezentos e sessenta e cinco dias.

Aos donativos dos nossos queridos benfeitores juntamos o produto da venda de «O Gaiato» e as migalhinhas que os rapazes entregam das «férias semanais». Alguns deles nada ganham; outros recebem 1\$00 por dia, poucos, 20 ou 30 escudos por semana e tudo somado não chega a mil escudos

Continua na QUARTA página



Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

● A CONSOADA DOS POBRES

— À hora em que escrevemos, estamos nas vésperas do Natal. Não podemos, ainda, dar-vos um relato sucinto da alegria que trespassa os Pobres quando lhes batemos à porta, com os embrulhos na mão. Isso é obra para o próximo número, se Deus quiser. Saibam, no entanto, os senhores mã-las senhoras, que as 36 famílias pobres de Paço de Sousa, visitadas pelos vicentinos e vicentinas, receberam uma consoada muito jeitosa, no valor de mais de 100\$00 cada bico! Quer dizer, vamos gastar cerca de 4.000\$.

É uma bolada forte. Mas há que não perder a fé e a esperança.

Por curiosidade aí vai a lista dos géneros a distribuir: açúcar, batatas, bacalhau, vinho, hortaliça, aletria, café, azeite, cacetes e roupas. E parece-me que não falta mais nada.

x x x

● O QUE RECEBEMOS

— Hoje, sim! Foi já uma farturinha. Mas estamos longe, muito longe, dos 4.000\$00!... Os senhores animem e não nos deixem ficar mal perante as mercearias e a padaria. Senão chamam-nos caloteiros — e perdemos o crédito!

Abre Espinho, com uma carta muito simpática e digna de consideração. Aí vai:

«Por alma de meu Marido e para ajuda da Consoada dos Pobres, vossos protegidos, envio 50\$. É pouco, bem sei, mas quero contribuir para muitos e vários fins e por isso não pode ser mais. Eu queria tomar a meu cargo enviar todos os meses algumas coisas para melhorar o viver de 2 velhinhos, um casal da vossa Conferência. Hei-de ver se posso cumprir. Deus o permita».

Ora aqui temos uma ideia genial! Contamos com a força de vontade desta Assinante de Espinho. E doutros. Porque a carga dividida não sobrecarrega ninguém.

Mais 200\$00 do Rio de Janeiro «para acudir à necessidade mais urgente de um pobre da Confe-

rência». A sangria da Consoada, por exemplo...

Mais 100\$00 do assinante 31215, de Lourenço Marques, «em cumprimento de uma promessa a Santo António». E mais 300\$00 da assinante 17740, de Lisboa. Recebermos tudo quanto nos manda, descanse! O que por vezes pode suceder, na barafunda de uma «desorganização organizada», é que a importância vá parar ao cofre geral da Obra. Mas precisamente por via disso resolvemos começar, hoje mesmo, a colocar no fim da crónica um avisozinho para que, na correspondência, todos os assinantes e amigos que queiram enviar donativos para a nossa Conferência fizessem bem o seu indicativo. Assim, poucos falhanços haverá, quando um qualquer dos nossos Padres abrir o correio.

Mais 6 cobertores de uma anónima de Aveiro, pela mão do nosso «Caparica». Mais 20\$00 da Rua Hintze Ribeiro, de Leça da Palmeira. Mais 200\$00 da Av. Antunes Guimarães — Porto. E mais 30\$00 do Largo do Priorado — Porto. A Invicta quando acorda marca, sempre, boa presença! Por fim, 20\$00 de Torres Vedras.

N. B. — Em correspondência que inclua donativos para a Conferência, é favor indicar, com clareza, o seu destino.

JULIO MENDES

BENGUELA

● **OBRAS:** O depósito continua a ser a maior dor de cabeça de todos nós. Sr. Padre Manuel, lá anda em volta dele, e vai dizendo: «vamos comer as amêndoas da Páscoa na Casa-Mãe!» Mas até lá, haverá muitas dores de cabeça. Por isso, mais uma vez apelamos para vós, para que a vontade do Sr. Padre seja feita, — e a de todos nós — que estamos ansiosos por habitar as novas moradias. O dito, da «sapata», até ao cimo de tudo, tem vinte e um metros! Amigos, para esta fase, é só mais um bocadinho, mais umas migalhas e... poderemos comer as amêndoas na nossa linda Casa-Mãe.

● **FUTEBOL:** já disputámos o torneio anunciado. No dia um de Dezembro, foi o nosso primeiro jogo, difícil. Não estávamos habituados àquilo, por isso perdemos uma vitória, sofrendo uma derrota exagerada de quatro a zero. Mas, como este primeiro era para apurar vencidos e vencedores, para disputar as duas taças no dia três, não nos atrapalhámos, pois os que vencessem naquele dia, é que receberiam as taças. Nesta tarde, a música foi outra, pois esta até deu para dançar as danças mais mexidas. Ganhámos três zero. A outra taça foi para a nossa rival «Escola Industrial e Comercial de Benguela». Parabéns!

Para já, com um jogo antes do torneio e com os deste, somamos sete jogos, com cinco vitórias, um empate e uma derrota.

Aproveito para agradecer aos Srs. da Casa Confiança que nos enviaram um bom par de joelheiras para o nosso guarda-redes, e uma câmara para bola de futebol número cinco.

O Menino Jesus tem sido pródigo em nos aparecer nesta quadra festiva do Seu nascimento. Tem-se manifestado em muitos e tem-nos batido à porta:

Um processo do Tribunal de Menores, com officio de Dr. Juiz. «Peço o internamento do menor Vitor, muito bonito e esperto, que vive com a mãe e com a avó, sendo o seu ambiente familiar mau sob todos os pontos de vista. É filho de mãe solteira, anormal, embriaga-se frequentemente e dá escândalo público, andando pelas ruas quer de dia quer de noite, a provocar os homens que passam. Tem tido vários filhos. De aspecto repugnante, vende tudo quanto lhe dão para comprar vinho. Não é afectiva.

A avó, de 70 anos, é alcoólica incorrigível, enxovalhada e pouco respeitadora».

Um cartão de jovem doutor de leis da Beira Alta — «Escrevo-lhe para procurar teto e família para um pequenito que nada disso tem. Filho de mãe solteira, o pequeno, de 7 anos, tem rolado aos baldões da vida que a mãe levava entre o álcool e a prostituição. A desgraçada morreu como viveu: afogada num poço. O Manelito, agora só, espera a

Também e como não podia deixar de ser, vai aqui um voto de um muito obrigado à fábrica de Luanda FIB, que nos enviou quarenta pares de sapatilhas. Obrigado amigos.

● **INSTRUMENTOS:** a viola que estavam para oferecer, já veio. Mas, pagar as outras, quando será? Esperamos a vossa amabilidade. Obrigados.

João Evangelista

MALANJE

Continuação da primeira página

Pode até dizer: — Mas a concertina...

Nós — sociedade — devemos ao A. Augusto esta alegria; pois, quando pequeno, só lhe demos pontapés.

Fomos por laranjeiras ao sul. Estamos plantando um pomar. Que coisa bela plantar um pomar!

(Carros, ferros, máquinas, fumo de chaminés altas. Vamos prá França: Pão, toucinho e cascas de lata).

Que maravilhoso termos ainda coragem de plantar um pomar!

O apelo destas encostas é grandioso e ao mesmo tempo sufocante.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

mão que o ampare e guie.

Sei que tem problemas enormes com os rapazes, mas sei também que tem a ajuda do Senhor e que a sua fé é grande».

Uma carta de um pároco da Beira Baixa: — «Venho expor-lhe um caso de uma infeliz cujo marido morreu no hospital e com 5 filhos foi juntar-se com um solteiro, vivendo amontoados num cubículo. Já se procurou ver se se uniam em matrimónio, mas o homem diz que são muitos filhos. Que aceitava o mais pequeno e o mais velho. Duas meninas já foram entregues. Era preciso tirar-lhes os dois do meio.

Infelizmente terá casos destes às centenas. Poderá fazer algum bem a estes infelizes?»

Ontem veio pela segunda vez um pároco d. encosta da serra da Estrela: —

«Venho falar-lhe por causa de um pequenito de 5 anos. A mãe, uma pobre desgraçada, solteira, sem família, faleceu outro dia de repente e deixou quatro filhos pequenos. Os três mais velhinhos já foram entregues. Anda agora por lá o mais pequenito que é muito raquítico, mas está agora a desenvolver-se, mesmo na fala».

Tenho-me ficado em silêncio a contemplar a estima destes testemunhos que é o Senhor. O Senhor a bater-nos à porta e na consciência! O Senhor filho de pais incógnitos! O Senhor filho de mulheres que O entregam e se entregam! O Senhor vítima das leis que O abandonam, mesmo que apareçam encapadas de amor!

Talvez tu, na tua compaixão piegas, te deixes ficar preguiçosamente com a exclamação: coitadinhos!

Adivinha e tem razão o pároco que me diz: «Infelizmente terá casos destes às centenas». — Infelizmente é certo, digo eu. Que farias tu no meu lugar?

Eu dei muitas voltas à cabeça e aos dormitórios e à casa toda e disse que sim.

Padre Horácio

LAR OPERÁRIO

TEM LAMEGO

Continuação da TERCEIRA pág.

por mês. A «féria» maior não atinge 9\$00 por dia. Compreendemos que assim seja, pois andam a aprender. Reflectindo bem, nós ainda teríamos de pagar aos mestres e indemnizá-los de certos prejuízos causados pelos rapazes. Neste ponto temos muito que agradecer a todos os que os aceitaram. Alguns dos rapazes são acarinhados pelos patrões e quase tratados como família. Já os têm sentado à sua mesa e às vezes aparecem no Lar, vestidos e calçados de novo.

A venda do jornal diminuiu um pouco e isto afecta muitíssimo a economia da obra. Esperamos que tudo se volte a normalizar. Em compensação valeu-nos a venda de «O Gaiato» na vila da Régua. Estamos a dois passos e os rapazes vão ali vender. São recebidos bem, e um senhor que não conhecemos, dá-lhes sempre de almoçar. Vêm muito contentes com as sobras, pois algumas vezes correspondem à venda em du-

plicado do jornal. Se muito devemos à boa gente de Lamego, de modo algum podemos esquecer o carinho que a Régua dispensa aos rapazes na compra de «O Gaiato».

E só agora demos conta que as notícias de hoje vão na quadra do Natal e por isso queremos endereçar aos Benfeitores e Amigos do Lar de S. Domingos, as nossas saudações de Boas Festas. Ficamos certos de que também nos serão retribuídas, chegando até nós o Amor que irradia do Presépio e que igualmente seremos beneficiados com a Luz vinda da estrela que indicou o caminho aos Reis Magos. E mais tarde ou mais cedo, virão as B. F. do Lar, ou mesmo, sem cantar, nos serão dados «os Reis».

Padre Duarte

Visado pela

Comissão de Censura

AVISO AOS INCAUTOS

Cont. da PRIMEIRA pág.

tando como eles a «souberam levar no conto do vigário», frisando que «só depois que eles saíram é que reflecti no caso...»

Ora perante estas duas amostras, os senhores e as senhoras tenham muita cautelinha! Se os ditos rapazes ou outros baterem à vossa porta com idêntico propósito saibam que é falcatrua (a nossa Obra não adopta processos idênticos) e avisem a Autoridade — por um estafeta ou pelo telefone — que ela se encarregará do resto. Entendidos?



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE